

social, para o que é necessário que, antes de mais nada, fiquem bem denunciados os demandos do homem. O artista deverá centrar a sua obra em torno dessa ideia básica, não deverá limitar-se ao auto-comprazimento do seu *ego*, a partir do qual acaba por ver o mundo desfigurado, perdidas todas as ligações profundamente sérias com o mundo concreto. Ora, assenta Plekhanov, tudo o que contribua para que se atinja um estado de maior justiça social, tudo o que traga um contributo positivo para que a opressão acabe, tudo isso é *progresso* social, e uma arte ligada a esta ideia estrutural é certamente uma arte socialmente progressiva. Progressiva no sentido de se considerar como superior a posição em que se colloque o artista no centro dos acontecimentos do mundo, e não *acima* ou *ao lado* deles. O refocilar nas experiências mais ou menos intimistas do *ego*, que se auto-considera superior e se define como excepcional, não conduz a nada que profundamente interesse a uma sociedade onde predominam a opressão, a desigualdade e a injustiça.

O que é curioso — e esta é uma das contradições fundamentais de Gautier — é que ele acaba por nos dizer que «la jouissance me parât le but de la vie, et la seule chose *utile* au monde». Ora, pois, se há uma coisa útil, essa é o *prazer*, ela será tanto mais útil quanto mais a humanidade puder vastamente usufruí-lo — e tal só pode acontecer se houver uma reorganização tão profunda dela que esse usufruto não se limite a alguns mas a um número cada vez maior. Logo, Gautier estabelece um «princípio utilitário», no parágrafo a seguir àquele em que declara solenemente: «les principes utilitaires sont bien loin d'être les miens».

Plekhanov redige, pois, no principio do século, o

estatuto da *arte útil* contra a *arte inútil*, encontrando-se a primeira intimamente ligada ao Marxismo-leninismo, ou seja, àquela concepção do Marxismo-leninismo cujo objectivo final é a liberdade para todos os homens, e, de maneira nenhuma, uma nova forma de opressão.

Exposto isto, muito sumariamente, há que reiterar que a conferência de 1936 de Redol tem, pois, naturalmente, como fonte directa o livro de Plekhanov, da mesma forma que as declarações presenciadas sobre a *inutilidade da Arte* (Gaspar Simões, Régio ou mesmo Casais Monteiro) glosavam, um século depois, as teses de Théophile Gautier, com ar de grande novidade e sobranceira aristocrática. Não havia mais originalidade no primeiro do que nestes últimos.

4. ALGUNS PONTOS FULCRAIS DA POLEMICA ENTRE NEO-REALISTAS E PRESENCISTAS (1937-1939)

Nas revistas *Pensamento*, *Gládio*, *Gleba*, *Agora*, *Outro Rimo*, etc., há já, portanto, uma polémica latente contra o aristocratismo dos movimentos modernistas e uma posição clara de hostilidade contra os chamados Mestres do *Orpheu*, como tal proclamados pelos corifeus da *Presença*, mas não apelidados ou considerados como tais por outros escritores portugueses que, nem por isso, deixavam de se considerar modernos. Estes reivindicam, aliás, o seu direito a um tipo de *modernidade* que não era, já se sabe, a do Modernismo, mas que não deixava, apesar de tudo, de ser *modernidade* ou *actualidade*. Um dos grandes escritores do Neo-Realismo, José Gomes Ferreira, nascido em 1900, cerca de vinte anos mais velho do

que os jovens que, pelos fins dos anos 30, início dos anos 40, produziram as primeiras obras neo-realistas, dá-nos este depoimento importante do que já era atitude de um certo número de jovens escritores portugueses relativamente ao «mestrado» do *Orytheu*:

«... os nossos guias em 1921 não eram, nem poderiam ser, Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro. Como Mestre elegêmos Raul Brandão (...) em que os componentes do grupo encontravam não só o Espanto, a Caricatura, o Absurdo, o Destamano e o Desvario do planeta circundante, mas também a Fraternidade e a Revolução. Inversosimil imamente. Ao lado de Brandão collocávamos o Filho dos contos rústicos, a verdade camponesa do incomparável Aquilino das *Terras do Demmo*, Camilo, Dostoievski, Tolstoi, Gorki, Strindberg... E manifesto que, movidos por estes senidenses (poiso que eu sempre evidencasse simpática por tudo o que cheirasse a vanguardismo e modernidade), nunca consentíamos em paular a nossa visão do mundo pela de Sá-Carneiro, definida em versos deste teor, que só me chegaram às mãos em 1937, data da publicação de *Índicos de Oiro pela Presença* (passaram-me despercebidos na *Cor-temporânea*):

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto...»
— Mas não há maior desgosto
Nem há maior vilania»⁴⁴

O que quer dizer claramente que a mensagem da «arte-pela-arte» ou da arte «inútil» de Gautier não passara a todos os escritores que, à perspectiva de hoje, não nos parecem (pelo menos a nós), de forma nenhuma, menos modernos que os «modernos» do Primeiro e Segundo Modernismo.

É em 1937, ano por todos os motivos crucial, que surge, ainda, o primeiro ataque em forma à poesia de José Régio. Num artigo sob o título «José Ré-

⁴⁴ José Gomes Ferreira, *A Memória das Palavras*, Portugal Editora, Lisboa, 1965, 98-99. Ver em mais detalhe Alexandre Pinheiro Torres, *Vida e Obra de José Gomes Ferreira*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1975.

gio — Casais Monteiro, poetas», assinado por Mando Martins, escreve este crítico:

«... Régio é o poeta de si. Quase todos os seus versos cantam as baixezas e heroísmos banais do seu eu enorme (...). A poesia de Régio é uma casa fechada sem janelas para a rua; lá dentro, às escuras, um homem torce-se em combates e dores que não procuram a comunicação para se lavarem em amor humano. Esta submissão do mundo do *eu* do autor e a constante obsessão de si, dão às produções bem trabalhadas de Régio uma arquitetura inútil, a sensação de um estéril esforço em dizer inquietações comenzhas»⁴⁵.

José Régio, no n.º 21 da mesma revista, «Carta ao snr. Mando Martins», defendendo-se da acusação da sua obra não ultrapassar um «mero onanismo psíquico», afirma recusar-se «a sujeitar as criações do espírito seja a que preconceitos, dogmatismos e fanatismos for». Mando Martins (assinando agora Armando Martins) repete a redução da sua crítica a uma fórmula («onanismo psíquico») que, de facto, não empregou. Recusa, sobretudo, a qualificação de «fanático» que lhe é atribuída pelo autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* e insiste no ponto de vista ideológico que mais interessa ao Neo-Realismo:

«A nossa literatura andou sempre mais presa às substituições de escolas em França do que às mudanças revolucionárias da vida social e do homem português»⁴⁶.

É do princípio de 1938 o aparecimento do ensaio de José Régio *António Botto e o Amor*. Logo a 6 de Fevereiro desse mesmo ano surge em *O Diabo* (n.º 176) uma crítica de António Ramos de Almeida,

⁴⁵ Cf. *Sol Nascente*, n.º 20, 1 de Dezembro de 1937.

⁴⁶ Armando Martins, «Resposta a José Régio, que é carta aos mais escritores portugueses», *Sol Nascente*, n.º 24, 1 de Fevereiro de 1938.

um dos maiores entusiastas do Movimento, o qual nesse mesmo ano se estrearia com um volume de poemas, *Sinal de Alarme*, que se deve contar entre as primeiras manifestações do Neo-Realismo. António Ramos de Almeida inicia o seu artigo, intitulado «Um livro, um crítico, uma questão» com um elogio rasgado de José Régio. Não são de nenhuma forma postos em questão, quer o seu talento poético, quer o seu talento crítico. Onde surge o conflito é sobre o teor da matéria exposta por Régio no primeiro capítulo de *António Botto e o Amor*, a que ele deu, muito polemicamente, o título de «Arte pura e arte social». Segundo Ramos de Almeida nele se comete um erro básico: o de supor-se que a polémica entre as «duas gerações» (a da *Presença* e a que estava a assentar as bases do Neo-Realismo) nada mais era do que uma «luta entre sociólogos e artistas». Era esta, com efeito, a posição tradicional da *Presença*: desde que uma obra manifestasse preocupações de carácter social, ou ela fosse encarada ou criticada de um ponto de vista sociológico, já não pertenceria ao domínio da Literatura mas ao da Sociologia. Ramos de Almeida pretende repor o problema noutra base, a qual é verdadeiramente a que corresponde ao espírito do Neo-Realismo, ou seja, a base segundo a qual «a polémica arte pura-arte social não se trava entre sociólogos e artistas mas sim entre artistas e artistas». Insiste ainda numa questão fundamental: «a polémica arte pela arte-arte social, em termos absolutos, teóricos e gerais, não tem sentido, reduz-se a uma simples questão de palavras».⁴⁷

⁴⁷ É este, aliás, o ponto de vista moderno da questão, conforme o sintetiza Fernando Guimarães no seu artigo «Arte», *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Iniciativas Editoriais, Lisboa, s/d, 466-473.

O artigo é, aliás, pretexto para Ramos de Almeida continuar a ofensiva contra o excessivo subjectivismo dos artistas do Primeiro e Segundo Modernismos. Não que demita as obras destes como nulas, menos importantes, ou irrelevantes. De forma nenhuma. Ramos de Almeida advoega, apenas, a necessidade de uma mudança de ênfase, por razões que, embora por ele não expostas neste artigo, se inserem dentro do espírito que se vivia na Europa *histórica* do período, conforme atrás salientamos. Afirma:

«O artista, abandonado a si próprio, sujeito simplesmente à sua plena liberdade de realização, colocou a originalidade acima de tudo. O artista passou a ter como primeira e suprema aspiração ser original. Originalidade não somente de fundo, mas sobretudo a mais completa originalidade formal. Do ataque ao formalismo clássico nasceu paradoxalmente um novo formalismo, daí o hermetismo e o esoterismo da arte moderna, da arte pura, da arte pela arte...»

(...) Muitos dos artistas modernos partidários da arte pura possuem obras ricas e complexas, mas o conteúdo moral, filosófico, social, psicológico, isto é, o miolo humano que as enche, é hiper-subjectivista, egocentrista, egoísta, alheio à tragédia humana e social do nosso tempo...» (...) Se certos artistas se tornaram, pela força da própria vida e das suas múltiplas circunstâncias, indiferentes à questão social, os artistas que hoje começam, e porque realmente o são não podem ficar indiferentes perante o drama mais flagrante e intenso da nossa época (...). O artista de hoje já não é o homem fim de raça, fim de império, fim de civilização. A geração do *Orpheu* foi composta por artistas que representavam o canto de cisne de uma certa vida (...). A geração do *Orpheu* cantou a decadência da sua hora. *Presença* foi mais longe, realizou uma obra de construção cultural, e hoje pode ser uma ponte entre uma agonia e uma nova aurora, se souber compreender em toda a profundidade a manhá estética que vai nascer».

Ramos de Almeida pretende aqui estatuir que a nova geração não deixará de ser de «artistas» e que há a necessidade de compreender os novos «horizontes estéticos» que ela tentará estabelecer, não já circunscritos por uma orientação hiper-subjectivista,

hermética, esotérica, egocentrista, etc., cujo miolo é «alheio à tragédia humana e social» do nosso tempo, mas por um «conteúdo moral, filosófico, social, psicológico» que, pelo contrário, se faça eco dessa mesma tragédia. A insistência de Ramos de Almeida na indissolubilidade *forma-conteúdo* (ainda que não explícita) é, na verdade, o horizonte *ideal* para que aponta o Neo-Realismo. Mas, como já foi dito (ou ficou implícado), uma coisa era o Neo-Realismo *ideal* que se predicava, outra o *real* que se viria a praticar pelos escritores mais polémicos da Primeira Fase. Lembra-mos novamente a posição de Redol dos primeiros anos, tal como a definiria em 1965: a da «aguerrida batalha pelo conteúdo em literatura».⁴⁸

Esta situação contraditória entre a *teoria* e a *prática* derivou em grande medida, a nosso ver, da recusa dos presencistas em verem na nova geração outra coisa que não fosse a vontade de fazerem vinguar um *novo* conteúdo e nada mais, por muito que, desde o ponto de vista da explanação teórica, os neo-realistas recusassem a aceitação da falsa dicotomia *como-o quê*. As acusações de Régio contra Armando Martins revestem-se de aspectos particularmente graves: a nova geração empenhada numa «arte social», numa «arte útil» encontrar-se-ia imbuída apenas de «preconceitos», «dogmatismos» e «fanatismos».

A verdade é que ela denunciava o fim dum ciclo da Literatura Portuguesa, o dos Modernismos, e hoje, cerca de quarenta anos depois, podemos ver, com muito menos paixão, que os «dissidentes» da *Presença* já haviam diagnosticado esse mesmo fim, diagnóstico que os mais apaixonados defensores do presencismo consideravam como totalmente intolerável. João Gas-

par Simões nunca poupará os neo-realistas nas suas críticas; mas, se honestamente terá de reconhecer o talento de alguns, será para, ao mesmo tempo, ir afirmando que se as obras deles são boas, só o são na medida em que se «atastam» dos postulados dogmáticos do Movimento — e eis-nos aqui regressados aos justos desabaços de Mário Dionísio, de 1955, já referidos no primeiro capítulo deste livrinho.

Afonso Ribeiro, outro dos pioneiros do Movimento, responderá ainda em *Sol Nascente* (n.º 29, 15 de Maio de 1938) a um novo ataque de Régio contra «os rapazes» que ousavam criticar António Sérgio, após o que surgem as «Cartas Intemporais» de Régio publicadas na *Seara Nova* (n.ºs 608 e 609) que são outros tantos textos de oposição ao Neo-Realismo, numa das quais, a publicada em 29 de Abril de 1939 no n.º 611 da revista, se defende a tese de que a literatura brasileira não podia prestar-se a exercer influência na portuguesa, por não ser «a mais indicada». Punha-se aqui em questão a publicidade especial que em *O Diabo* e *Sol Nascente* se estava fazendo a Jorge Amado, Graçiliano Ramos, Amando Fontes, José Lins do Rego, etc.⁴⁹ Régio tinha ido longe de mais, na opinião dos

⁴⁸ Cf. entre outros, os artigos de Mário Dionísio sobre Jorge Amado (*O Diabo*, n.ºs 164 a 167, 14 de Novembro de 1937 — 5 de Dezembro de 1937), de Joaquim Namorado sobre Amando Fontes (id., n.º 223, Dezembro de 1938), de Afonso Ribeiro sobre José Lins do Rego (*Sol Nascente*, n.º 17 de 15 de Outubro de 1937) e sobre o «Romance Brasileiro Contemporâneo» em geral (id., n.º 28 de 15 de Abril de 1938), o importante estudo de Alves Redol também sobre Amando Fontes (id., n.º 29 de 15 de Maio de 1938), onde o autor de *Gaibéus* declara ser *Cimento* de Gládkov o melhor livro que leu, e os de António Ramos de Almeida sobre Jorge Amado, Amando Fontes e José Lins do Rego (id., n.ºs 31 e 32 de 15 de Agosto e 1 de Dezembro de 1938), só para nos referirmos àqueles estudos publicados entre 1937 e o fim de 1938 e que podem ter desencadado a má-vontade de Régio (a *Presença* prestava culto particular a José Lins do Rego).

⁴⁹ Cf. notas 4 e 13.

neo-realistas, e o ataque mais virulento não se fez esperar. Ele é publicado também na *Seara Nova* (n.º 615) e transcrito na íntegra no n.º 37 de *Sol Nascente* de 1 de Junho de 1939. Assina-o Alvaro Cunhal.

O artigo chamar-se-á «Numa Encruzilhada dos Homens», sendo fácil de ver que o próprio título era já polémico, oferecendo-se ao leitor como clara contra-proposta a *Encruzilhadas de Deus*, título do terceiro livro de poemas de José Régio, aparecido em 1936. O texto de Alvaro Cunhal pode sumarizar-se nos seguintes tópicos:

1.º «A humanidade chegou a uma encruzilhada (...) Cada qual tem de escolher um caminho (...). O destino do mundo está em jogo (...) Há (...) homens que se assustam ou horrorizam. Alguns desses homens afastam-se prudentemente, monolodando acerca dos horrores da luta travada (...) O clamor desorienta-os e leva-os a procurar a solidão. Julgam, assim, libertar-se da necessidade de escolher um caminho».

Este «primeiro tópico» é uma crítica óbvia ao poema «Cântico Negro» de Régio, inserto no livro de estreia do Poeta, *Poemas de Deus e do Diabo* (1925) que é, sem dúvida, um dos livros mais extraordinários de toda a poesia portuguesa, o que, aliás, nem sequer estava em questão.⁵⁰ Os versos do poema que, todavia, se põem em questão e se haviam de tornar no «cavalo de batalha» contra o qual os neo-

⁵⁰ Noteemos, a este respeito, que mau grado os ataques dos neo-realistas contra Sérgio, ou Gaspar Simões, ou José Régio, nunca estas figuras deixaram de ser consideradas por eles como das mais eminentes da nossa literatura. Gaspar Simões ou Régio não gozavam hoje, entre as novas gerações, do mesmo prestígio. O mesmo não sucede com António Sérgio cuja estatura cresce com os anos, o que é, sem dúvida, da mais elementar justiça, embora a ideologia de Sérgio não vá mais além do que a da Geração de 1870, constituindo a principal fonte de inspiração doutrinária dos socialistas burgueses contemporâneos.

-realistas passaram a lançar todos os dardos, como se na verdade esses versos epitomisassem o autêntico espírito presencista, ou *tudo* o que era a *Presença*, são os seguintes.

A minha glória é esta:
Gritar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.

e, do mesmo modo, a estrofe final:

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: «vem por aqui!»!
A minha vida é uma vendaval que se soltou.
É uma onda que se levantou.
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
— Sei que não vou por aí!

O segundo dos tópicos de Alvaro Cunhal, relacionado com o primeiro, incide concretamente sobre alguns versos de *Encruzilhadas de Deus*, os quais se encontram no poema «Mitologia». A certa altura diz o Poeta:

Vergo a cabeça sobre o peito,
Concentro os olhos sobre o umbigo,
É um coração que me háo desfeito
Chora de achar-se só comigo...

O que permite ao crítico estabelecer que

2.º «a vida, para esses homens, pouco mais é que a apre-
ciação do próprio cansaço, do próprio desalento, da própria
solidão (...). O seu *eu* passa a ser motivo predominante da sua
vida (...). Fugir do mundo barulhento e prehe de ódios e
amor, para não compartilhar (...). Ficar só, só, só! Adorar o
próprio umbigo e cantar!»

Daqui estrabelece a linha divisória que separa as «duas gerações»:

3.º (...) a sorte de milhares de homens depende do caminho que será seguido (...) (Há) artistas que (...) fazem naturalmente reflectir nas suas produções artísticas as preocupações que os obscuram. A única diferença entre estes artistas e os artistas solitários é que, enquanto a obscuração destes é o próprio umbigo, a daqueles é a sorte da humanidade. Mas, quer uns quer outros, põem naturalmente a arte ao serviço de qualquer coisa: nuns, essa qualquer coisa é a vida de milhares de seres; noutros esse qualquer coisa é o próprio umbigo. (O próprio José Régio aconselha cada artista a falar «do que mais profundamente sente, pensa, imagina, sonha, vive, sabe», *Serra Nova*, n.º 609)»

A observação polémica de Régio de que «não se deve confundir literatura (falo daquele aspecto principal da literatura que é a arte literária) com a política ou sociologia, nem a arte literária é propaganda seja do que for» — o que constitui sempre o argumento *último* dos adeptos da «arte pela arte» — responde Alvaro Cunhal com a posição que pretende ser a que concilie e supere as posições em conflito, numa declaração de princípios que, em 1939, seis meses depois do aparecimento de *Gabéus*, era obviamente a de um Neo-Realismo *ideal* a que Alves Redol não havia obedecido ou que havia atredado do seu caminho como inimportável com o *imediatismo* da mensagem que se impunha como imperativamente necessário transmitir:

4.º «É transparente como água que literatura não é política nem sociologia e que arte literária não é propaganda. Mas não é menos transparente que toda a obra literária — voluntária ou involuntariamente — exprime uma posição política e social e que toda ela faz propaganda seja do que for (inclusiveamente do próprio umbigo). Simplesmente, há quem prefira, pelas razões atrás expostas, as obras literárias que exprimem *determinada* posição política e social às obras literárias que exprimem *outra*

posição política e social. E uma posição política e social não existe só quando se afirma claramente a preferência por um ou outro dos caminhos que sem da encruzilhada, mas existe ainda quando há um afastamento da encruzilhada. Certo — digo-o quase sem ironia — que a «adoração do próprio umbigo» exprime também uma posição (e até uma atitude) política e social...»

Foi deste confronto em relação a Régio, em especial, que nasceu, portanto, a acusação genérica e fácil, de que toda a *Presença* estaria imbuída de *umbilicalismo*. A palavra fez carreira e foi, naturalmente, extremamente ressentida entre os presencistas, do mesmo modo que as palavras *fanatismo* e, sobretudo, *dogmatismo*, constituíram ofensas que os neo-realistas não puderam então (como continuam hoje) a não poder perdoar. O conflito entre as «duas gerações» encontrava-se, portanto, ferinamente desencadeado. Os argumentos dos presencistas iriam, aliás, ser repetidos pelas décadas fora, até hoje, pelos inimigos do Neo-Realismo: a tecla batida foi sempre a mesma, por muito pretensamente inteligente ou originais que os seus detractores se tivessem sucedido na estafeta em que o testemunho a transmitir, afinal, nunca mudou de aspecto, forma, cor, peso ou tamanho. João Pedro de Andrade tentava já, em 1938, lançar água na fervura. Em artigo n.º *O Diabo*,⁵¹ observava que na «conturbada atmosfera da nossa época uma consciência se está formando» e que «alguns reflexos dessa consciência chegam até nós». Advertia, porém — e esta advertência tinha em vista os intelectuais da *Presença* —, que «homens vindos de outra época, embora recente, não se encontrassem adestrados para sentir inteiramente a época actual, para moldar ao ritmo dela o seu conceito de vida». Os presencistas pareciam

⁵¹ N.º 184, 3 de Abril de 1938.

ser, portanto, segundo as palavras de João Pedro de Andrade, insensíveis à grande convulsão política e social que abalava a Europa Ocidental, com a emergência do Fascismo, que já trazia a Espanha em pé de guerra. Do próprio seio da *Presença* saía um poeta, Adolfo Casais Monteiro, que, embora «defendendo a poesia do contacto mais ou menos obrigatório com as preocupações profanas (...) pensa mais nos outros do que em si». Referia-se ao livro de poemas *Sempre e Sem Fim* (1937), obra que muito impressionou os neo-realistas que então procuravam caminhos, entre os quais Mário Dionísio. João Pedro de Andrade observava, até, a estranha «dualidade» entre o teórico da *Presença* e o poeta «prático», achando-a «bela», pelo que representava de «desinteresse e de isenção». Em tal livro, Adolfo Casais Monteiro definiria mesmo «uma poderosa organização de homem social», afirmação que nenhum neo-realista se atreveu a impugnar. Talvez pela *certeza* inerente a esta observação, o crítico declarava:

«Assim, uma geração que sucede a outra geração é, mais do que diferente, antagonica da que a antecedeu. Esse antagonismo resulta, em grande parte, do ardor com que cada uma defende as suas convicções. Nenhuma delas é possuidora da verdade suprema. (...) Para anular ou atenuar esse antagonismo seria necessário: que a geração presente ponderasse o quanto são falíveis os juízos assentes sobre entusiasmos excessivos: que a geração passada não supusesse estar de posse da única verdade, e que nos seus conselhos à juventude abandonasse certo tom de irritante protecção, e de exagerada confiança em si mesma que desde logo põe de sobreaviso aqueles a quem se dirige...»

(...) «A geração anterior (a *presencista*) afirma, por vezes rudemente, a absoluta independência da arte: outras vezes reconhece, expondo concretos de humanidade adrede forjados, que em última análise a arte é sempre humana e social. A geração actual (a *neo-realista*) inclina-se para a resposta afirmativa à segunda interrogação, e os seus pareceres são por vezes demaisido rígidos e dogmáticos».

Mas o conflito seria apenas (mais um) entre «duas gerações»? Em polémica célebre entre João Pedro de Andrade e Mário Dionísio, travada anos mais tarde e que não cabe aqui historiar, este último proferirá as seguintes palavras (entre muitas outras) com as quais inteiramente concordamos:

«Não se trata de uma oposição de gerações (...) mas de grupos sociais, de interesses opostos, de mentalidades opostas, de atitudes opostas, de homens diferentes»⁵².

O que explica muito melhor o depoimento atrás citado de José Gomes Ferreira. Por isso, um grande poeta como Afonso Duarte (1884-1958), acabaria por também se tornar companheiro dos jovens que lançavam as primeiras pedras do Neo-Realismo. Confronto, pois, entre duas concepções do mundo totalmente diversas. A da *Presença* — repetimo-lo — não ultrapassava, de um ponto de vista ideológico, um humanitarismo ainda mais desorientado que o da Geração de 70. Não pensava em quaisquer soluções para o mundo, porque os seus representantes intelectuais interessavam-se exclusivamente numa actividade, a do *escritor* que *escreve*, a qual pressupunham com tenacidade como ser desligado dos interesses mais gerais (e logo inferiores) do comum destino humano. Não aceitavam que a obra dele pudesse ser, antes de mais e acima de tudo, fruto de uma consciência social, consciência na qual participava a própria *singularidade* (ou *excepcionalidade*) psicológica do artista, como reflexo do mundo extremamente vasto e complexo onde se formou «adaptando-se e reagindo em maior ou menor escala, integrada (contra ou a favor e nas

⁵² «Ficha 13-A», *Seara Nova*, ano XXII, n.º 833, 31 de Julho de 1943, 267-270.

várias e subtis gradacões que estas attitudes podem assumir) num todo económico, político, social, de tradiçõs culturais ou outras, de ideologias; em suma: no complexo contraditório, instável ambiente de uma época. A partir de tudo isto constrói o escritor, a sua ideologia ou concepção do mundo, mais ou menos alienada, mais ou menos lúcida, que se manifestará, depois, na sua obra».⁵³

O caso dos «dissidentes» ou, posteriormente, o de Adolfo Casais Monteiro (sempre, aliás, temível adversário «teórico» do Neo-Realismo), não inválida o que de um ponto de vista neo-realista, profundamente no plano da Ideologia, caracterizou negativamente os homens da *Presença*: a sua fé na «arte-pela-arte», na «arte inútil»; o seu apoliticismo; o seu idealismo; o seu humanismo humanitarista (à maneira da geração de 70) quando vagamente o havia; a sua crença na reforma moral do Homem, desde dentro; quando mesmo só nesta espécie de reformismo se acreditava; o seu escandaloso descaço pela circunstância histórica do mundo; o seu horror pelas transformaçõs sociais; o seu conservadorismo, quando não o seu reaccionarismo; o seu profundo anti-marxismo, mesmo quando se reivindicassem de socialismo que não poderia ser senão uma tinta já leve do que haviam palidamente herdado do proudhonismo otocentista.

5. PROPOSTAS TEÓRICAS BÁSICAS DO NEO-REALISMO

As propostas concretas do Neo-Realismo virão a ser explicitadas com uma certa lentidão teórica. Mário

⁵³ Augusto da Costa Dias, *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa*, Prefácio da 2.ª edição, Portugália Editora, Lisboa, 1964, XLVIII.

Dionísio em artigo já citado, «S.O.S. — Geração em Perigo»⁵⁴ dirá, por exemplo (isto em 1939), mais de um ano depois de João Pedro de Andrade ter falado da «querela das duas gerações»:

«(...) Do alto da sua autoridade crítica⁵⁵, das regiões do absoluto, suspensos no espaço, esbofetelam heroicamente uma geração... que ainda não existe. Confundem meia dúzia de indivíduos que começam a aparecer, apenas unidos por um mínimo de pontos de vista comuns, com um grupo em plena actividade, subordinado a rígida doutrina».

Mário Dionísio parece, pois, acreditar que a geração neo-realista ainda não tem existência em meados de 1939. Até que ponto será esta afirmação verdadeira? «Meia dúzia de indivíduos» não seria uma forma de diminuir-lhes em excesso as fileiras? Mas *diminuir* para quê? A verdade é que por essa data ainda não tinha aparecido um livro verdadeiramente neo-realista, a não ser a possível tentativa que constituem os dois últimos contos de *Ilusão da Morte* (1938), de Afonso Ribeiro, que adiante referimos. Todavia, já tinham publicado poemas, contos e extractos de romances, todos aqueles que, não muito tempo depois, se haviam de tornar nas grandes figuras do Neo-Realismo português, os Mestres dele. Entre estes, os mais precoces Carlos de Oliveira e Fernando Namora, de parceria com Artur Varela (que abandonaria as letras), já haviam publicado, mesmo antes de Afonso Ribeiro, um volume de contos intitulado *Cabeças de Barro*, com data de 1937, sobre o qual também falaremos um pouco mais adiante.

O que é interessante notar é que Mário Dionísio,

⁵⁴ O *Diabo*, n.º 248, 24 de Junho de 1939.

⁵⁵ Mário Dionísio refere-se, obviamente, aos opositores precensistas.

em meados de 1939, declarava que a «geração» ainda não existia (ou não existia, pelo menos, a consciência de ela *já existir*), talvez porque para fazer frente à obra já vultuosa dos presencistas, a gente nova não podia responder-lhes com produções acabadas que tivessem peso suficiente para impô-las como geração.

Mais, pois, do que uma obra que ainda não existe, diz-nos Mário Dionísio que o que une essa «meia dúzia de indivíduos» é um «mínimo de pontos de vista comuns». Que «pontos de vista»? Pois bem: os que constituirão a base ideológica do Neo-Realismo a aprestar-se para fazer o seu aparecimento na História da Literatura Portuguesa.

O primeiro deles parece-nos ser a forma como é contestado o Humanismo burguês de oitocentos, o Socialismo utópico da Geração de 70, como já tivemos ocasião de frisar quando nos referimos ao artigo «O Papel dum Nova Geração» de Jofre Amaral Nogueira. Fernando Pereira Santos, também um dos primeiros teóricos do Movimento, havia, posteriormente, de reiterar tal posição através de algumas palavras lapidares a propósito de Antero:

«(Antero)... considerava o movimento, proletário estreito, incapaz de avaliar conversões, assustador para a burguesia. O seu socialismo procedia de uma preocupação moral, de uma generosidade fidalga, de um tradicional cristianismo e não de um exame reflectido do desenvolvimento dos fenómenos sociais (...). Em Antero agita-se o drama de uma época e o drama de um filho dessa época. O drama de uma classe que experimentava o recuo das forças que criara»⁵⁶.

Esta opinião será, mais tarde ainda (1963), definitivamente esclarecida por Augusto da Costa Dias,

⁵⁶ *Semana Nova*, ano XXV, n.º 978, 11 de Maio de 1946, 27-28.

importante ideólogo do Neo-Realismo, cuja acção se centra nos anos 60 e 70 até à sua morte (1976):

«...A consciência do proprietário (ou melhor do pequeno-burguês proprietário) nunca se apagará em Antero, em Queirós e em Oliveira Martins, para citar apenas os três vultos proeminentes do grupo. E, por isso, o socialismo que defendem é mais um protesto do que um movimento com raízes nas massas; num maior escala do que noutros, não passará de um socialismo conservador que não se atreve a contestar, na essência e na prática, a causa dos males que denuncia e, em última instância, procura inconscientemente deter ou prevenir a proletarianização da classe em que se integravam»⁵⁷.

Ambas estas formulações são tardias, especialmente a última, mas ambas traduzem melhor, em resumo, quanto à posição neo-realista que era *ponto de fé* comum quando à herança ideológica da Geração de 70. Que pode o Neo-Realismo oferecer, como programa contestatário, a este Socialismo utópico do séc. XIX? A alter-nativa do Socialismo marxista-leninista que bem cedo aparece sob a designação eufemística de *Novo Humanismo* ou *Neo-Humanismo*. A própria designação Neo-Realismo surge como outro disfarce eufemístico para resignar o Realismo Socialista, ou melhor: todo aquele Realismo cujo ideário pressupunha como filosofia básica o materialismo dialéctico, pelo que se superava, por sua vez, o Realismo Burguês, o Naturalismo ou o Realismo-Naturalismo do século XIX e princípios do século XX, cujo positivismo, à Comte, também se procurava transcender. Se, pelo decurso dos anos 30, surge nas revistas já referidas uma teorização separata do marxismo, cujo levantamento detalhado também não cabe aqui fazer, em 1938, no *Sol Nascente* ainda se gastam páginas para divulgar «o que

⁵⁷ *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa*, Portugalíia Editora, 1.ª edição, Lisboa, 1963, p. 121.

é a dialéctica» (ou o materialismo dialéctico),⁵⁸ a designação Realismo Humanista aparece-nos em *O Diabo*, n.º 235, de 25 de Março de 1939, em artigo teórico assinado por Mário Ramos, onde, numa das notas, se postula, com a velada clareza que a Censura fascista podia permitir, a mesma posição posteriormente mais bem formulada por Pereira Santos e Costa Dias. Lenos, com efeito:

«Os *humanistas* que possuem o *privilegio* de se colocarem *au delà* das coisas reais, fora da *praxis*, sem a consideração do conflito material, *negam automaticamente todo o humanismo*. A realização do verdadeiro humanismo coincide com a destruição da *Klassenkampf*⁵⁹. Só nesta medida pode ser considerado. Considerado *au delà* das coisas reais, é uma alienação da consciência motivada pela falta de consciência das próprias coisas reais».

A própria palavra materialismo dialéctico passa a ser referida, muitas vezes, pela abreviatura «dialéctica» (as primeiras sílabas da designação inglesa *dialectical materialism* a fim de, da mesma forma, se podem iludir os censores.

Os «pontos de vista comuns» a que Mário Dionísio se refere, ou a comunidade da participação deles, encontra-se bem exemplificada no n.º 234 de *O Diabo* (18 de Março de 1939) onde se presta homenagem ao editorial do número desse mesmo mês de *Sol Nascente*, editorial onde se afirmava ser esta revista um órgão de gente nova apostada em reagir:

⁵⁸ *Sol Nascente*, n.ºs 29 e 30, de 15 de Maio e 1 de Junho de 1938. O n.º 40 de 15 de Novembro de 1939 sumariza mesmo, sob o título «ABC — que é o método dialéctico», os artigos anteriores.

⁵⁹ *Klassenkampf*: luta de classes. Mário Ramos vê-se obrigado a empregar a expressão alemã para evitar os cortes inevitáveis da Censura fascista.

«... contra a metafísica e contra o psicologismo, apoiando-se na obra crítica do pensamento dialéctico; (a) combater(r) pelo Neo-Realismo como forma necessária da humanização da arte; (a) defender(r) um humanismo integral que seja verdadeiramente um humanismo humano».

Sol Nascente proclamava ainda que tão «grandiosa tarefa» não podia «ser obra de alguns indivíduos, mas antes um *desideratum* da formação duma verdadeira consciência colectiva», para o qual todos deviam trabalhar «com ânimo forte na edificação da nossa obra comum». *O Diabo*, ao transcrever tais palavras, afirmava:

«Esta obra comum de que fala *Sol Nascente* é o trabalho de uma geração inquieta que erguerá novos valores. Das colinas de *O Diabo* estendemos a mão a *Sol Nascente*, novo companheiro de uma mesma ideia».

A palavra Neo-Realismo já encimara, pela primeira vez, um artigo de Joaquim Namorado em *O Diabo* (estudo sobre o escritor brasileiro Amando Fontes⁶⁰), um dos textos que deve ter estado na base do reparo de José Régio, a que atrás nos referimos. Neste texto de 31 de Dezembro de 1938 observava-se uma perfeita compreensão, pela parte do seu autor, daquilo a que se pode chamar a «estética marxista». Cita-se uma passagem célebre de Friedrich Engels (da «Carta a Minna Kautsky» de 26 de Novembro de 1885), mas Joaquim Namorado vê-se constrangido a referir Engels pela perífrase: «um extraordinário pensador do séc. XIX», o que traduz bem o clima quase esotérico em que se estava a processar a teorização neo-realista. A oposição Humanismo burguês-Novo Humanismo vai, todavia, encontrar a sua melhor formulação teó-

⁶⁰ Cf. nota 49.

rica só em 1944, na revista *Globo*⁶¹, quando à pergunta de um leitor «ainda não vi perfeitamente definido o que seja o Neo-Realismo», quem redige a resposta anónima admite logo que «entre as próprias pessoas que aderem a um movimento, nem todas apreendem, desde o início, a sua complexidade, após o que passa a explicar como o Novo Humanismo é uma forma de oposição ao Humanismo burguês de oitocentos e como o Neo-Realismo nada mais era do que a expressão artístico-literária desse Novo-Humanismo. Vale a pena um longo, embora insuficiente, extracto da excelente exposição:

«(...) Conhece a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, saída da vitória da Revolução Francesa. O que é a declaração? Sabe bem que o estabelecimento prático da igualdade abstracta entre os homens. Porque digo eu uma igualdade abstracta? Porque, na realidade, os homens nunca se igualaram (...) A Declaração afirma a igualdade e a liberdade abstractas. Olhemos porque são abstractas.

1.º — Parece-lhe possível que, sem um certo nível de educação, um indivíduo possa desempenhar certos cargos influentes particulares ou públicos? Para se ser médico é necessário um estudo aturado (...) Que faz a Declaração? Permite o livre acesso de todos os cidadãos a todos os cargos e profissões. Mas abstractamente, porque nem a todos, que têm condições de inteligência, dá os meios. Para determinado nível de educação é necessário um nível económico determinado, e, assim, acontece que o que, teoricamente, é para todos, é, na prática, só para alguns (...).

(...) Que é a Declaração? A expressão política do humanismo de um grupo social. Um humanismo abstracto que quebra todo o privilégio de sangue, citando a susceptibilidade do homem mais pequenino chegar aos mais altos lugares. Isto é perfeitamente exacto, como o demonstra o exemplo de Ford. Mas raríssimo. Este humanismo é o produto teórico de uma classe ascendente, já afirmado no movimento intelectual burguês da Renascença e que se concretiza, após o Iluminismo e a Enciclopédia, imediatamente à Revolução Francesa, no governo das nações. Este humanismo, que começou por ser progressivo, como a classe de que é expressão teórica, entrou em contradição com

⁶¹ Ano II, n.º 32, 1 de Outubro de 1944.

ele próprio na prática porque, partindo da igualdade dos homens, os empurrou para a desigualdade mais profunda. Tendo aceitado, de começo, a ideia de uma moral e de uma política variáveis, conforme as classes e as épocas, embora encobridoras sob o manto do direito natural (veja-se o *Quixote* de Cervantes ou os teóricos da Revolução Francesa), uma vez oficializado, passou à noção de um homem eterno, de uma moral e de uma política eternas. *É sem esforço que se vê na sua doutrinação o não propósito de se eternizar o poder de um grupo social. É, pois, o humanismo de um certo grupo social que é a antítese do humanismo de um grupo social que lhe é oposto. A este segundo humanismo que pretende uma libertação e igualdade concretas do homem dá-se o nome de Novo Humanismo e difere essencialmente do primeiro...»*

«... O Neo-Realismo é a expressão artístico-literária do Novo Humanismo...» (o itálico é nosso)

Da exposição ainda longa destacamos aqueles pontos teóricos de definição do Neo-Realismo que constituiria o tal «mínimo de pontos de vista comuns», a que se refere Mário Dionísio:

1.º) O Romantismo e o Realismo, surgidos no século XIX, não eram senão expressões artísticas do mesmo grupo social: a burguesia possidente. O Romantismo seria profundamente caracterizado pela fuga à realidade, pela «nostalgia de mundos diferentes do nosso» (a Idade Média), o «gosto do fantástico e do singular», o «culto do herói individualista burguês». No Realismo já se observa a crítica da vida quotidiana da burguesia;

2.º) O Neo-Realismo «pretende ser a síntese das duas escolas; de uma parte abraçar a realidade para a descrever tal qual é, de outra sonhar uma realidade diferente para que se volte»;

3.º) «O Neo-Realismo não procura dar só a realidade, mas também transformá-la. Por isso, faz realçar

o heroísmo da luta daqueles que são os meios da sua transformação. Este heroísmo não é o heroísmo individualista do homem isolado, mas o heroísmo de um grupo de que os seus maiores valores são apenas uma afirmação mais clara»;

4.º) O Neo-Realismo não pretende ser apenas uma síntese do Romantismo e do Realismo, mas de todas as escolas, porque uma das características do Novo-Humanismo é o aproveitamento de «toda a herança do passado». Aproveitará «mesmo as conquistas presentes da arte que lhe é oposta. Se a arte burguesa tem sido, nos últimos tempos, uma contínua revolução formal, nem por isso o Neo-Realismo deixa de se utilizar destas novas formas»;

5.º) O Neo-Realismo «não compreende o homem desligado da vida social e encara-o, portanto, de um ângulo diferente de observação, mas deseja também o maior aprofundamento do indivíduo. Serve-se de todas as descobertas fecundas do interiorismo e apenas rejeita o que lhe parece tão só fruto de uma imaginação sem controle»⁶².

Um outro artigo extremamente importante (e hoje histórico) é aquele em que Mário Dionísio consegue esclarecer, exemplarmente, outro dos «pontos de vista comuns» que os detractores do Neo-Realismo se recusavam a entender. O artigo foi publicado no dia 3 de Janeiro de 1945 na página literária de *O Primeiro de Janeiro* e dele destacamos apenas a passagem em que o seu autor defende o novo Movimento da

acusação de este ter como assunto exclusivo os «miseráveis», ou a «criada de servir com o filho ilegítimo ao colo», como mais tarde (1963) Vergílio Ferreira, desjeou ainda caricaturá-lo⁶³. Diz Mário Dionísio:

«... O Neo-Realismo não se detém sobre o povo: mistura-se com ele a ponto das suas obras não serem mais que uma das muitas vozes dele. E, por isso, não está interessado (como, com tanta injustiça, se tem pensado) em limitar o seu campo a este ou aquele personagem, a este ou aquele meio. Está interessado sim, para poder bem reequilibrar o homem no seu todo social, em concretizar a sua visão do mundo, em cada caso e em todos os casos. E, portanto, completamente falso que um operário, uma criada de servir, um pescador sejam preferidos pelos neo-realistas, como *personagens*, a uma industrial, a uma filha de família ou a um banqueiro. Outro aspecto da mesma barreira entre o populismo e o Neo-realismo encontrará qualquer pessoa: a observação *abstramente* de um e a observação *actuante* do outro. Para o neo-realista, não se trata de copiar a natureza, como o Naturalismo pretendeu, nem de interpretá-la, como tem feito com tanto êxito o Modernismo, mas de transformá-la. Os neo-realistas pensam que os indivíduos são um produto do meio mas que, por sua vez, esse meio é, em grande parte, produto das suas mãos. Por isso mesmo o Neo-Realismo (cujo nome é considerado deficiente mas aceite por de momento ser impossível encontrar-lhe outro mais feliz) não se limita ao velho conceito de objectividade.

O seu conceito de objectivo, e portanto de real, considera indispensável, como se disse já, o *momento do subjectivo*. É o que explica a necessidade de coexistência de Realismo e de Romantismo para a existência de Neo-Realismo. Por um lado, a narração da verdade, da verdade sem deturpação, tal como só pode vê-la e amá-la um homem ascendente; por outro lado, e simultaneamente, o sonho — sem o qual nenhuma obra pode viver e actuar, o sonho melhor de todos os sonhos — que é o que parte do real e tende para ele...»

Estas respostas, pelo seu vigor, se manifestavam em 1944 e 1945 uma noção teoricamente exacta do que era o Neo-Realismo, equacionados finalmente os seus

⁶² O leitor interessado numa definição teórica mais detalhada do que seja o Neo-Realismo encontrá-la no meu livro *O Neo-Realismo Literário Português*, Moraes Editores, Lisboa, 1977, 27-43.

⁶³ Cf. Alexandre Pinheiro Torres «O Neo-Realismo», Ed. da Associação dos Estrudantes do Instituto Superior Técnico (policopiada), Lisboa, 1963.

princípios com uma exatidão e economia de termos que não foram possíveis antes, não significa que os responsáveis teóricos pela doutrinação tivessem levado anos a descobrir o que ele fosse. É certo que, como implicaria Mário Dionísio no já citado artigo «S. O. S. — Geração em perigo» ele precisava ainda (Agosto de 1939) de ser *feito* na prática, através de «obras portuguesas», e não apenas à custa de análises dos livros brasileiros, franceses ou russos que lhes servissem de modelos, mais ou menos afastados, do que os nossos escritores acabariam finalmente por vir a fazer. A verdade é que, por 1944-1945, a teorização já feita em *Sol Nascente* e *O Diabo*, com o carácter pouco sistemático que não podia deixar de ter, em breve se tornaria num *free-for-all*. Todos interpretavam como queriam, reinava tal confusão, que Mário Dionísio, na entrevista de 3 de Janeiro de 1945 de *O Primeiro de Janeiro*, tinha de advertir:

«A frequência com que ultimamente se tem escrito, em todos os tons, sobre o Neo-Realismo é de molde a cativar os que, à sua propagação entre nós, têm dado o melhor do seu esforço. Infelizmente, porém, fala-se de tudo menos de Neo-Realismo. Motivos circunstanciais têm impedido o tratamento do caso com aquela clareza que desfaz os equívocos definitivamente. E por isso não é, infelizmente, invulgar encontramos artigos em que se pretende propagar e até defender o Neo-Realismo, atribuindo-lhe pontos de vista que não são nem nunca foram os dele. Há quem o julgue caracterizado apenas pelo facto de se preocupar com questões sociais, ou por tratar de certos personagens, ou ainda, no mais santo dos desconhecimentos, por ser feito por pessoas jovens... Todos os dias aparece um autor *intitulando-se publicamente neo-realista porque publicou um romance sobre marinhas ou criadas de servir. E todos os dias aparece um crítico que censura severamente o Neo-Realismo, considerando como tal todas as convicções de tais autores*». (O Itálico é nosso).

Um crítico como Raul Gomes, por exemplo, escrevia em 1944, na *Seara Nova*:

«Não nos parece que seja indispensável para escrever romances neo-realistas conhecer os princípios teóricos do Neo-Realismo»⁶⁴.

o que se encontra em perfeita contradição com aquilo que Rui Feijó, outro dos animadores e teóricos do Neo-Realismo, escrevia, com muito mais inteligente conhecimento de causa, na mesma revista, um ano antes:

«Com boas intenções, mesmo com boa observação, faz-se, por exemplo, um romance populista. Mas não se faz um romance neo-realista sem consciência»⁶⁵.

Se existia esta divergência entre críticos no próprio seio do Movimento, não temos que nos surpreender que em 1944 e 1945, escritas já algumas das obras básicas do Neo-Realismo, houvesse ainda necessidade de explicar, escolarmente, o que ele era. Esta necessidade não decresceu nas décadas de 50 e 60, mas ela derivou fundamentalmente dos ataques dos detractores que, por incompreensão ou espírito polémico, lhe atribuíam erradas intenções. Tal atitude de oposição pode considerar-se hoje como definitivamente ultrapassada.

6. MANIFESTAÇÕES POÉTICAS E EM PROSA DE FICÇÃO DO NEO-REALISMO ATÉ AO «FIM» DA PRIMEIRA FASE (1950)

Aceitemos, pois, por questão de «prática provisória», a existência de uma Primeira Fase no Realismo. Ela deverá coincidir, por consequência, como já dis-

⁶⁴ *Seara Nova*, ano XXIII, n.º 872, 29 de Abril de 1944, 261.
⁶⁵ *Seara Nova*, ano XXIII, n.º 816, 3 de Abril de 1943, 315.
(in «Apostamentos sobre o Neo-Realismo»).